



Gabinete do Arcebispo Primaz

NOTA PASTORAL

Ref. NP_02/2021

Nota pastoral na celebração
do Domingo da Palavra de Deus

Braga, 24.jan.2021

Paixão pela Palavra

O Papa Francisco, no dia 30 de Setembro de 2019, memória litúrgica de S. Jerónimo, assinou uma Carta Apostólica intitulada “Aperuit illis” onde instituiu o Domingo da Palavra de Deus, a celebrar no III Domingo do Tempo Comum. É clara a intenção do Papa. Não se trata de colocar mais um dia na agenda eclesial. Pretende-se recordar o que o Concílio Vaticano II sublinhou com o intuito de impulsionar a redescoberta da Palavra de Deus, dando-lhe o lugar que deve ter na vida dos cristãos e das comunidades.

Quero aproveitar esta circunstância para sublinhar alguns aspectos de primordial importância para o trabalho de renovação eclesial que temos vindo a abraçar nos últimos tempos. Muitas propostas e percursos têm sido sugeridos. Sem um encontro mais consistente com a Palavra não percorreremos os caminhos adequados. Urge dar-lhe centralidade, compreendendo o que verdadeiramente significa e como deve ser acolhida.

O Santo Padre, ao escolher as palavras evangélicas “abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lc 24,45), sublinha o que verdadeiramente está em questão. Estas palavras referem-se ao encontro de Cristo ressuscitado com os apóstolos antes da Ascensão. Jesus aparece, parte o pão e abre-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras. Ele já lhes tinha pregado e ensinado muitas vezes. Era de prever que os apóstolos conhecessem o que lhes tinha sido comunicado. Havia um conhecimento, mas faltava a verdadeira compreensão que só acontece depois da Ressurreição e na presença do Ressuscitado.

“Sem o Senhor que nos introduz na Sagrada Escritura, é impossível compreender em profundidade; mas também sem a Sagrada Escritura, permanecem indecifráveis os acontecimentos da missão de Jesus e da sua Igreja no mundo”. São muitos os acontecimentos e as exposições doutrinárias que encontramos nos textos sagrados. Tudo devemos conhecer, reservando tempo para o estudo e reflexão. E, infelizmente, temos de reconhecer que nem sempre procuramos percorrer as páginas dos textos sagrados para os conhecer nos seus conteúdos verdadeiros. Ficamos, muitas vezes, pela superficialidade que não dá consistência às nossas convicções.

Vivemos, ainda, um certo analfabetismo bíblico e teremos de reconhecer que a credibilidade da mensagem que anunciamos exige mais trabalho para um conhecimento profundo. É tarefa para os sacerdotes e para todos os cristãos. Este Domingo da Palavra deve conduzir-nos a encarar diversas



iniciativas tendentes a provocar uma maior familiaridade com a Palavra. Não faltam iniciativas nem oportunidades. Se, na tarefa da renovação, temos dado primazia à dimensão sacramental, é chegada a hora de apostar numa pastoral bíblica. Temos um Departamento para a Dinamização Bíblica da pastoral. A sua finalidade é ir propondo iniciativas para que a Bíblia vá permeando todo o tecido pastoral, fazendo com que tudo parta da Palavra e a ela nos conduza. Não podemos ser contra as devoções que caracterizam a nossa religiosidade popular. Em tudo, porém, teremos de colocar esta orientação, dando consistência ao que nos foi alimentando durante séculos. Não podemos ter outro caminho para a renovação das comunidades a não ser este encontro das pessoas com a história da salvação que os textos sagrados nos apresentam.

Esta preocupação pelo encontro com a Palavra, a conhecer e a interpretar devidamente, é a primeira finalidade deste Domingo da Palavra. Mas importa ir mais além. Foi o Ressuscitado que abriu o entendimento aos apóstolos que estavam a permitir que o medo e o desencanto os paralisassem. Parecia-lhes que tudo o que tinham conhecido e experimentado era uma história de alguns momentos passados juntos mas sem consistência. A presença física de Jesus a ensinar e a motivar para a novidade de uma mensagem tinha terminado. A morte fez com que a sua vida terrena chegasse ao fim. A ressurreição abriu uma nova época. Não se limitou a um breve acontecimento temporal. Foi como que uma aurora para um tempo a continuar.

Cristo quis permanecer na história da Humanidade e da Igreja como alguém vivo e operante a acompanhar as vicissitudes do peregrinar humano. É ele o verdadeiro explicador da Palavra que faz com que o entendimento tenha profundidade e seja actualizado conforme as situações existenciais. Disso nos recorda o Santo Padre na Carta Apostólica “A dedicação dum domingo do Ano Litúrgico particularmente à Palavra de Deus permite, antes de mais nada, fazer reviver o gesto do ressuscitado que abre, também para nós, o tesouro da Palavra, para podermos ser no mundo arautos desta riqueza inexaurível”. Só o Ressuscitado nos faz compreender e nos dá força para encarar a responsabilidade de continuarmos o anúncio de um modo credível. Se é importante o conhecimento dos textos sagrados nos seus conteúdos exegéticos, só o Mestre fará compreender à Igreja peregrina o que Ele quer continuar a dizer ao seu povo.

Aceitar esta certeza vem confirmar quanto temos vindo a sublinhar nos últimos tempos. A Palavra compreende-se através de uma leitura orante feita pessoalmente, mas sobretudo em comunidade. Não se trata da simples leitura de um livro que nos dá prazer. Ela tem de ser feita com outros, abrindo-nos à presença de Cristo que quis ficar connosco para, com Ele, dialogarmos em intimidade. Pode e deve ser feita pessoalmente através de uma leitura orante. Em ambiente comunitário, a voz de Cristo torna-se mais clara. “Onde dois ou três estiverem reunidos em Meu nome, Eu estarei no meio deles” (Mt 18,20). “Começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava aos discípulos todas as palavras da Escritura que falavam a respeito d’Ele... Não ardia o nosso coração quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras!” (Jo 24,27.32).

A presença de Jesus no meio de dois ou mais é uma certeza nem sempre procurada e experimentada. Só em grupo intuiremos profundamente o que Cristo quer dizer a cada um e à comunidade. Ao longo de todo o meu serviço episcopal tenho insistido permanentemente nesta realidade. As comunidades paroquiais devem ser uma espécie de rede que congrega um conjunto de grupos e movimentos todos



empenhados a trabalhar pelo Reino, depois de alimentados e orientados por perícopes extraídas dos textos sagrados em consonância com a caminhada litúrgica. A Palavra do Domingo, com tantos subsídios que existem, oferece oportunidade para que isso aconteça.

Não foi por acaso que, de há vários anos a esta parte, demos início aos Grupos Semeadores de Esperança. Não se trata de uma simples iniciativa no meio de tantas outras. Com eles estamos mergulhados no essencial da vida cristã. Aproximamo-nos da Palavra, compreendida com Jesus no meio e encontramos o caminho a percorrer, fazendo com que a fé vá entrando nas realidades concretas da vida. Rezo permanentemente para que estes grupos ganhem consistência e se multipliquem. Penso não ser utopia sonhar com a sua existência em famílias concretas que encontram tempo para se reunirem. Talvez a pandemia tenha perturbado o seu normal desenvolvimento. Acredito que saberemos continuar. Para mim, trata-se de um projecto que gostaria que marcasse a minha presença como arcebispo nesta Igreja particular. Seremos uma Igreja evangélica a partir destes pequenos grupos. As paróquias terão vida e o Evangelho chegará ao mundo. O Evangelho frutificará em todos os recantos da diocese, assim como em todos os contextos humanos. “A Bíblia não é uma coletânea de livros de história nem de crónicas, mas está orientada completamente para salvação integral da pessoa”. “A acção do espírito Santo não diz respeito apenas à formação da Sagrada Escritura, mas actua também naqueles que se colocam à escura da Palavra de Deus”, diz o Papa Francisco. Estamos no caminho certo. Talvez tenhamos de acelerar o ritmo e reconhecer que os grupos devem crescer.

Para compreendermos quanto a Igreja pretende que façamos a partir da Palavra, o Papa Francisco convida-nos a regressar ao Concílio Vaticano II com tudo o que ensinou, mas sobretudo da Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina, *Dei Verbum*. Recorda-nos, ainda, que Bento XVI convocou em 2008 um Sínodo dos Bispos sobre “A Palavra de Deus na vida e missão da Igreja” que nos ofereceu a Exortação Apostólica *Verbum Domini*. Importa conhecer este documento. Aí se aprofunda “de um modo particular o carácter performativo da Palavra de Deus.” Este é outro aspecto que nunca pode ser esquecido e que quero sublinhar. Sabemos que os textos sagrados não são mera escrita, mas sempre carregam um convite à acção. Em certo sentido, ficam incompletos se não entrarem no coração de quem os lê, provocando uma conversão para, como implicação muito concreta, chegar a uma vida marcada pelas exigências que ela comporta. “Por isso, é bom que não venha a faltar na vida do nosso povo esta relação decisiva com a Palavra viva, que o Senhor nunca se cansa de dirigir à sua esposa, para que possa crescer no amor e no testemunho de fé”. Palavra viva que Deus dirige à Igreja para que ela vá crescendo no amor e no testemunho.

Quero recordar a minha experiência pastoral onde foi possível gerar uma verdadeira comunidade a partir da Palavra meditada e vivida em grupos. Chamavam-se “Grupos Palavra de vida”. O grande intuito era sempre a vida e cada semana era uma proposta muito concreta para o dia-a-dia onde o pôr em prática a Palavra era ocupação permanente. A vida gerada em cada um e experimentada em grupo, através da partilha das experiências que a Palavra tinha gerado, foi o suporte e o alimento de uma comunidade viva e activa. Nunca sublinharemos suficientemente este carácter performativo. Não recordamos uma história construída pelos outros ao longo do Velho Testamento e Novo Testamento. A aventura continua e Cristo, presente na comunidade através de pequenos grupos, vai entusiasmando e mostrando o caminho a seguir. Talvez o grande erro da Igreja tenha consistido no



facto de permitir que o Evangelho se tenha tornado retórica e ideias abstractas. A Palavra de Deus deve gerar vida.

Se a Palavra deve ir formatando a vida das pessoas e das comunidades, terá simultaneamente de ir estruturando a sociedade como semente e fermento. Fá-lo-á através de um testemunho e vivência do amor como síntese da história de salvação no povo de Israel e que Cristo quis evidenciar de um modo mais eloquente. Também este pormenor é sublinhado pelo Papa Francisco. “Outra provocação que nos vem da Sagrada Escritura tem a ver com a caridade. A Palavra de Deus apela constantemente para o amor misericordioso do Pai, que pede a seus filhos para viverem na caridade. A vida de Jesus é a expressão plena e perfeita deste amor divino que nos guarda para si, mas a todos se oferece sem reservas”. Esta certeza vem confirmar o caminho que queremos percorrer juntos, em comportamentos sinodais, para manifestar uma Igreja samaritana que se deixe tocar pelos males da sociedade e que a todos quer responder depois de mostrar a beleza de vivermos como irmãos. Sentimos que o amor de Deus nos plenifica e que nos impele para gestos muito concretos de solicitude e misericórdia. Jesus é este modelo do viver a caridade que faz com que esta seja o rosto da nossa fé e dê credibilidade à Igreja. A Palavra não nos deixa insensíveis, mas faz com que reconheçamos as diversas formas da pobreza, discernindo respostas pessoais e comunitárias para que o mundo seja mais igual num respeito pela dignidade de todos. Deus é amor e somos discípulos se o tornamos presente diante dos desafios humanos que quotidianamente nos são colocados.

A redescoberta da centralidade da Palavra deverá, ainda, obrigar-nos ao dever do anúncio que se reveste de diversas formas. Não se trata de um tesouro escondido para proveito pessoal. Deve ser anunciado corajosamente através de palavras humanas e servindo-se de todos os meios que a sociedade hodierna nos proporciona. É uma responsabilidade grande para a Igreja aproveitar tudo quanto possa ser meio de anúncio. Teremos de chegar aos areópagos da cultura moderna e entrar em diálogo com os diferentes parâmetros que a caracterizam. Não pode haver medos. Tem de existir empenho na procura de caminhos novos. Uns são conhecidos e devem ser percorridos; outros devem ser intuídos e usados para chegar ao coração de todas as pessoas.

Este anúncio acontece dentro da Igreja e fora. Olhando para a dinâmica interna das nossas comunidades, teremos de apostar no ministério de leitor. O Papa não esqueceu este pormenor e afirmou: “De facto, é fundamental que se faça todo o esforço possível no sentido de preparar alguns fiéis para serem verdadeiros anunciadores da Palavra com uma preparação adequada”. Temos uma longa experiência neste sentido e um número considerável de leitores em todas as comunidades. Teremos de investir muito mais particularmente na área da formação. Somos estimulados por uma nova Carta Apostólica do Papa Francisco, datada de 10 de Janeiro de 2021, onde o ministério de leitor, assim como o de acólito, são instituídos. Iremos, oportunamente e em unidade com a Conferência Episcopal, dar valor a esta orientação. Fiquemos com a responsabilidade de fazer com que a Palavra seja proclamada depois de uma permanente preparação.

O Domingo da Palavra de Deus, a celebrar este ano pela segunda vez, não pode ficar num pequeno pormenor a recordar ocasionalmente e talvez com alguns sinais exteriores, no terceiro Domingo do Tempo Comum. Importa saber extrair tudo aquilo que o Papa pretende com esta novidade que introduziu. Deixei ficar algumas considerações. Há muito caminho a percorrer. Deus quer continuar



a falar ao seu povo. Teremos de ter corações atentos para escutar e voz profética para anunciar. Não seremos nós mesmos se não evangelizarmos com entusiasmo e paixão. Maria serve-nos de modelo. “No caminho da recepção da Palavra de Deus, acompanha-nos a Mãe do Senhor, reconhecida como bem-aventurada por ter acreditado no cumprimento daquilo que lhe dissera o Senhor” (Cf. Lc 1,45).

Termino fazendo minhas as palavras do Papa. “Possa o Domingo dedicado à Palavra fazer crescer no povo de Deus uma religiosa e assídua familiaridade com as Sagradas Escrituras, tal como ensinava o autor sagrado já nos tempos antigos: esta palavra «está muito perto de ti, na tua boca e no teu coração para praticares» (Deut 30,14)”.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*